

A PRIVATIZAÇÃO NÃO PODE AVANÇAR

A opção ideológica deste governo e a sua prática ultraliberal, acelerando, em fim de mandato, a entrega do património público a privados, está a empurrar a TAP para uma das mais complexas encruzilhadas da sua já longa história.

Esta situação, que tem claramente origem na instabilidade provocada pelo anúncio de mais uma tentativa do governo para vender a TAP ao desbarato, deve ser encarada pelos trabalhadores com a maior serenidade, não alimentando provocações que venham colocar trabalhadores contra trabalhadores, e que, em última análise, apenas beneficiariam o Governo e o Conselho de Administração.

Se é do senso comum que nenhum trabalhador faz greve por gosto, ou por qualquer outro prazer ou desequilíbrio mental, é também verdade, e deve ser sempre reafirmado, que uma greve nunca tem como objectivo causar danos às empresas. Eventuais prejuízos provocados por uma greve, a verificarem-se, resultam sempre do facto de os trabalhadores encontrarem do outro lado da "mesa negocial" apenas interlocutores "surdos" às verdadeiras razões das lutas, não lhe restando por isso outra forma de se fazer ouvir. Esta é a matriz da lei da greve, uma das mais democráticas do ordenamento jurídico português.

No processo de negociação de Dezembro passado entre os sindicatos representativos dos trabalhadores do Grupo TAP e o Governo, este tentou "vender um acordo" no qual pretendia apenas manietar os trabalhadores e amarra-los a promessas e falsas garantias que, – como está hoje amplamente demonstrado – nada garantem nem para a empresa nem para os trabalhadores, coisa que, como é sabido, foi liminarmente recusado pelo SITAVA.

Na situação de quase caos em que a empresa vive, resultante em grande medida da opção ideológica do governo em manter este desgraçado processo de privatização, é vital que impere o bom senso. Ao contrário do que o momento exigia, o Governo põe ainda mais achas para a fogueira, proferindo diariamente chantagens e ameaças de despedimentos colectivos, apenas com a intenção de manietar os trabalhadores, e leva-los a aceitar a inevitabilidade da privatização.

Como se isto não bastasse é agora também o presidente do Conselho de Administração, na sua comunicação de "agradecimento" a acenar com o papão da

reestruturação para levar os mais distraídos a entrar na “guerra” de trabalhadores contra trabalhadores, e assim fazer-lhes mais um frete. Não podemos cair nessa provocação.

Ao Governo e ao Conselho de Administração fazemos um desafio e um aviso muito sérios. **Querem acabar com as lutas e com a agitação laboral? Então acabem de vez com este processo de privatização, porque se o não fizerem, o SITAVA garante solenemente que a luta irá continuar e em unidade com os outros sindicatos, e com a mobilização dos trabalhadores tudo fará para travar o passo ao Governo e ao Conselho de Administração, e evitar que a TAP seja mais uma grande empresa nacional entregue ao capital privado a preços de saldo.**

Por várias vezes temos afirmado que não há privatizações melhores ou piores, com bons ou mãos pretendentes, mas a todos os que aparecerem, os trabalhadores afirmam com toda a clareza:

Até poderão tentar ficar com a TAP oferecida pelo Governo mas “comprarão” também a luta dos trabalhadores que jamais aceitarão ser roubados nos seus salários e espoliados nos seus direitos tão duramente conquistados com muitos sacrifícios ao longo de muitas dezenas de anos.

É entendimento do SITAVA que a defesa dos direitos dos trabalhadores das empresas do Grupo TAP, justificam que todos façamos um esforço de unidade que obrigue o governo a recuar e a suspender de imediato o processo de privatização em curso, e que se abra espaço para um diálogo franco, tanto interno como externo, que conduza à resolução de todos os conflitos, à paz laboral e à recapitalização pública da TAP.

CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DA TAP

UNIDOS SOMOS MAIS FORTES

08-05-2015

www.sitava.pt

DIRECÇÃO